

# Parceria com a Shell gera projeto de pesquisa na área de biocombustíveis

Foto: Antonio Scarpinetti

Recursos de convênio permitirão construção de prédio na FEQ, onde serão desenvolvidos os estudos

VANESSA SENSATO  
Especial para o JU

Unicamp e a Shell Brasil anunciaram no último dia 23 um convênio para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa e desenvolvimento em biocombustíveis de segunda geração a partir da cana-de-açúcar e seus resíduos. O anúncio foi feito pelo coordenador-geral da Unicamp, professor Fernando Costa, e por Graeme Sweeney, vice-presidente executivo de combustíveis futuros e CO2 da Shell.

O projeto será executado na Faculdade de Engenharia Química da Unicamp (FEQ) com a coordenação das professoras Maria Aparecida Silva e Telma Teixeira Franco. “Com o desenvolvimento de novas tecnologias é possível aumentar a produção de etanol sem aumentar a área plantada, aproveitando o bagaço gerado na produção de etanol pelo processo convencional, tornando o processo ainda mais sustentável”, afirma Maria Aparecida. Com recursos deste convênio será construído o Laboratório de Biocombustíveis A-



O coordenador-geral da Unicamp, professor Fernando Costa (à esq.), e Graeme Sweeney, vice-presidente executivo de combustíveis futuros Shell: desenvolvimento de novas tecnologias

vançados, numa área de 1,5 mil m<sup>2</sup>, na Unicamp. O prédio terá três andares.

A parceria foi negociada com o apoio da Agência de Inovação Inova Unicamp e faz parte de um projeto global da Shell que compreende mais cinco acordos da empresa com Institutos de Pesquisa – o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), em Massachusetts (EUA); o Instituto de Microbiologia da Academia China de

Ciências (IMCAS), em Pequim, e o Instituto Qingdao de Tecnologia em Bionergia e Bioprocessos da Academia China de Ciências (QIBEBT), em Qingdao (China); o Centro de Excelência para Biocatálise, Biotransformações e Manufatura Biocatalítica (CoEBio3), baseado na Universidade de Manchester (Reino Unido); e a Escola de Biociências da Universidade de Exeter (Reino Unido).

“As pesquisas nessa área são de importância capital para o setor de biocombustíveis e a Unicamp orgulha-se em participar de um projeto que envolve alguns dos melhores centros de pesquisa do mundo”, disse Roberto Lotufo, diretor-executivo da Inova Unicamp. Segundo ele, parcerias desse tipo reforçam a interação da Unicamp com a sociedade, criando oportunidades para que a Universidade se destaque cada vez

mais na liderança da pesquisa e inovação em bioenergia, gerando benefícios econômicos e sociais para o país.

Para a Shell Brasil o convênio é motivo de satisfação. “Há 95 anos a empresa investe no Brasil e, portanto, nada mais natural do que apoiar uma universidade fortemente empenhada em desenvolver novas tecnologias em busca de fontes energéticas mais sustentáveis”, afirma Vasco Dias, presidente da Shell no Brasil.

## Convênio prevê mensuração de impactos da infra-estrutura e da qualidade no país

Foto: Antoninho Perri

MANUEL ALVES FILHO  
manuel@reitoria.unicamp.br

Unicamp está elaborando, por meio do Instituto de Economia (IE) e da Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa (Cocen), convênio com o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) para a identificação e desenvolvimento de metodologias voltadas à mensuração dos impactos econômico, social e ambiental proporcionados pela infra-estrutura e qualidade no Brasil. A área é responsável pela padronização, normalização e acreditação de produtos, processos e serviços. O objetivo da cooperação é traduzir em números quanto o país está perdendo por eventuais falhas nessa área ou quanto pode vir a ganhar caso a torne mais eficiente, tendo em vista as exigências técnicas impostas pelo mercado, sobretudo o internacional, aos produtos brasileiros. “Até onde estamos informados, trata-se de uma iniciativa inédita no âmbito da América Latina e Caribe”, afirma o coordenador da Cocen e docente do IE, Jorge Tapia.

A intenção das partes, adianta o coordenador da Cocen, é que os estudos estejam em andamento no início de 2009. Ele destaca que o convênio tem dois aspectos relevantes. Do ponto de vista mais geral, ele proporcionará o fornecimento de dados concretos sobre os impactos provocados pelas possíveis falhas na área de infra-estrutura de qualidade no Brasil. Até aqui, os números são obtidos por aproximação. Além disso, ao dimensionar as eventuais perdas, o trabalho também ajudará a orientar medidas corretivas, o que deverá conferir maior competitividade ao país. O segundo ponto



Jorge Tapia, coordenador da Cocen e professor do IE: “Trata-se de uma iniciativa inédita no âmbito da América Latina e Caribe”

importante, acrescenta Tapia, é a construção de novos conhecimentos, com a conseqüente formação de pessoal qualificado para trabalhar nesse segmento. O docente do IE lembra que a infra-

estrutura de qualidade tem sido encarada pelos Estados Unidos e membros da União Européia como uma área de importância estratégica, notadamente no que se refere à formulação de polí-

ticas de comércio exterior e desenvolvimento. “A infra-estrutura de qualidade tem a ver com aspectos relacionados à metrologia, normalização, padronização e acreditação. Em outros

termos, é o setor que impõe normas técnicas a produtos como combustíveis, alimentos, medicamento etc. Por essas características, ela também assume uma dimensão fundamental em termos de concorrência internacional, visto que as barreiras técnicas muitas vezes cumprem papel decisivo no quesito competitividade”, analisa.

Um exemplo da importância dessas discussões vem do fórum realizado em 26 e 27 de agosto, em Santiago, capital do Chile, do qual Tapia participou. O evento, organizado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e Physikalisch Technischen Bundesanstalt (PTB), o equivalente ao Inmetro na Alemanha, debateu a importância da atuação dos organismos reguladores regionais. Na ocasião, o representante da Comunidade Européia no encontro estimou que o bloco tem poupado algo como 10 bilhões de euros por ano somente com o monitoramento dos impactos econômicos decorrentes das atividades ligadas à infra-estrutura de qualidade.

A despeito de o convênio ainda estar em gestação, Tapia acredita que o principal trabalho a ser desenvolvido pelos pesquisadores da Unicamp é a identificação das metodologias já existentes e a sua adaptação à realidade brasileira. “Nossa intenção é conceber um instrumento que seja o mais eficiente possível. Ser o mais eficiente possível significa conseguir os melhores resultados a partir da resolução dos problemas técnicos existentes em diferentes áreas”, esclarece. O objetivo final do trabalho, assinala o docente do IE, é criar condições para que a infra-estrutura de qualidade seja incorporada às estratégias de desenvolvimento do país. “A partir disso, também queremos estabelecer uma rede no âmbito da América Latina e Caribe para a troca de experiências nessa área”, finaliza.